



O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

Comitê Científico

È composto da membros das instancias internacionais, Colégio de Representantes da IF, Colégio de animação e orientação da Escola, Colégio internacional da Garantia, cuidando que as diferentes zonas sejam representadas.

Compreende:

os dois Presidentes do RV

Binasco Mario

Mautino Diego

Menès Martine (*extime*)

Quatro membros do CRIF

Fingerman Dominique (Brasil)

López Lola (Espanha)

Maiocchi Maria Teresa (Itália)

Strauss Marc (França)

Quatro membros do CAOÉ

Fariás Florencia (Argentina)

Monseny Josep (Espanha)

Quinet Antonio (Brasil)

Soler Colette (França)

Dois secretários saídos do CIG 2006/2008

Izovich Luis (França)

Muñoz Patricia (Colômbia)

Informações:

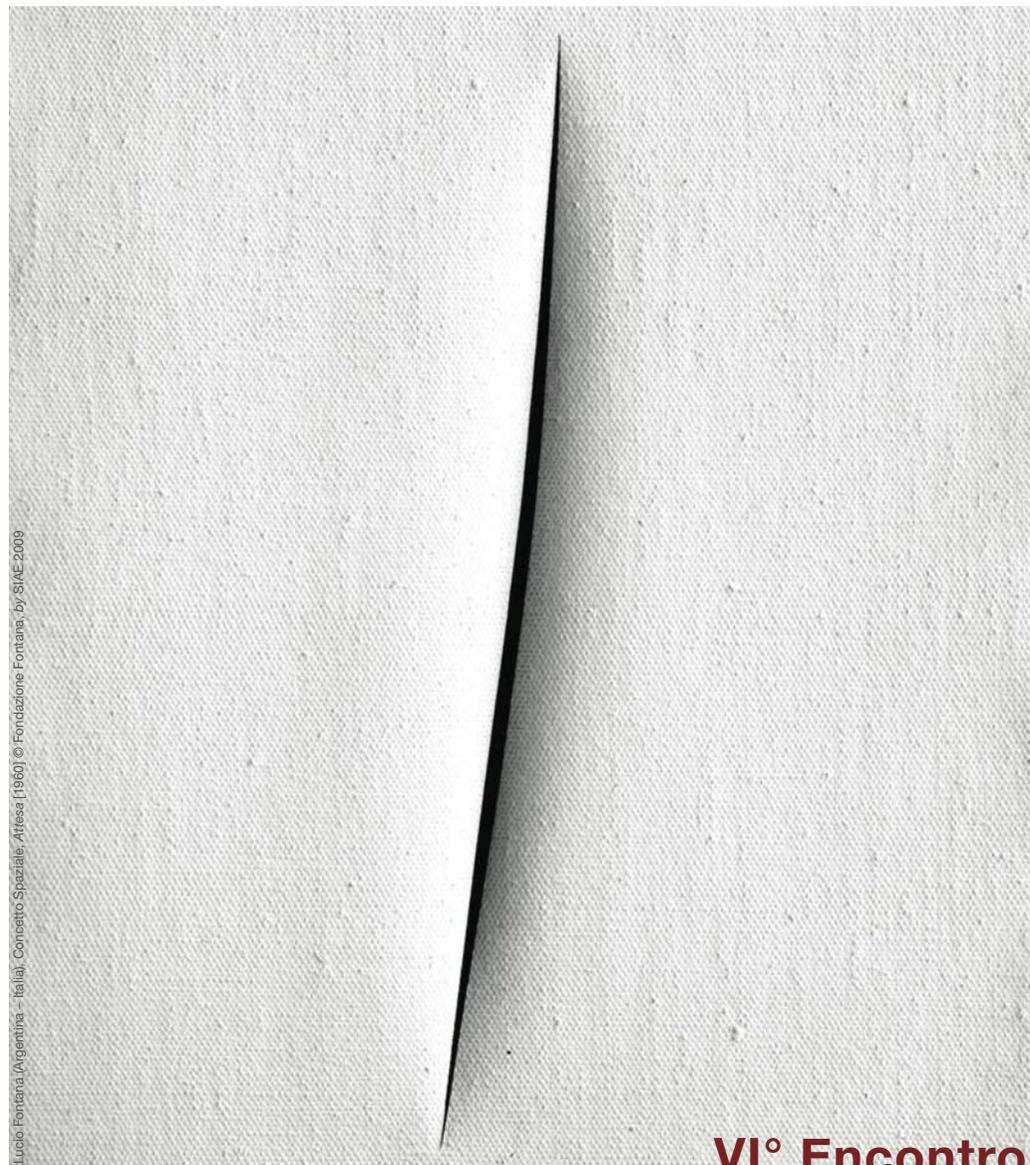
O lugar do RV será comunicado ulteriormente, assim como as informações sob as possibilidades de hospedagens.

- Sexta-feira 9 Julho, 2º Encontro internacional da Escola – EPFCL
 - Sábado 10 e Domingo 11, VIº *Rendez-vous*
- Segunda-feira 12, Assembléia da IF e da Escola

Comitê *Rendez-vous* Internacional da IF-EPFCL – Roma 2010

Via della Frezza 59 – 00186 Roma – Italia – Tel +39 06 32111537 – Fax +39 06 32503721

www.champlacanien.net – e-mail: fclroma2010@gmail.com



Lucio Fontana (Argentina – Italia), *Concetto Spaziale, Artesa* [1960] © Fondazione Fontana, by SIAE 2009

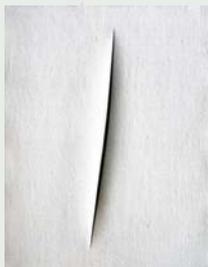
VIº Encontro
da Internacional dos Fóruns e da Escola de
Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

O «mistério do corpo falante»

www.champlacanien.net

Roma, 10 e 11 Julho 2010





O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

Apresentação do tema

«O homem é uma doença mortal do animal.»
Kojève, *Introdução à leitura de Hegel*

O mistério do corpo falante: a expressão, extraída do seminário *Mais ainda*, é própria à veia de Lacan; ela projeta o brilho de seu cristal lingüístico muito aquém dela mesma para ricochetear muito mais além.

Aquém é, antes de tudo, o orbe de uma cultura que produziu “o mistério da encarnação” e do verbo que “se fez carne”, mas é, também, o aquém de seu próprio ensino, redutor de mistério por excelência. Uma vez reconhecida a operatividade da fala, ele soube fazê-la bascular do campo religioso para o da estrutura de linguagem: ali, onde o «isso fala» do inconsciente pode dar uma resposta que não seja inefável. Qual melhor lugar do que a bela cidade papal de Roma para recolocá-la na berlinda?

Mais além, o que se destaca não é um ressaltado dessa tese tornada já clássica, mas um novo passo de saber em direção, paradoxalmente, de um mistério bem ateu que arranca a palavra de sua dimensão religiosa.

Pois o que a expressão anuncia seria antes uma bem singular... biologia, que diz respeito a um outro real que àquele que ocupa as ciências da vida – um real que, entretanto, não se impõe menos à experiência e que somente a psicanálise permite abordar.

Se mistério há, não é o da palavra que se fez carne, mas o da carne que fala. Báscula, portanto. Certamente, ela não o faria se não tivesse tomado voz do inconsciente, como sublinha Lacan em «O Aturdido»¹. Nesse sentido, seus enigmas não são simplesmente os da vida, mas dessa propriedade do vivo que se chama gozo e que se distingue da questão das homeostases do organismo, que o biólogo ignora na maior parte, apesar dos estudos sobre a dor, e do qual o psicanalista faz seu objeto respeito aos falantes.

Da “biologia freudiana”, como Lacan a nomeou, seria possível imaginar que, com seu vocabulário da vida e da morte, ela vai mais ainda ao encontro das preocupações da ciência biológica, hoje em dia tão triunfante, conforme a famosa fórmula de Bichat. É esse, porém, o erro que Lacan tentou denunciar qualificando-a de... freudiana.

Nem *Eros* nem *Tânatos* são dados da experiência, Freud mesmo o formulou assim; suas pulsões de vida e de morte são rebentos do campo livre deixado ao pensamento analítico quando se confronta com os enigmas, estes, muito bem experimentados, da repetição com o que ela comporta, ao mesmo tempo, de entropia e de insistência do gozo.

Eu digo pensamento, Lacan em 1964 diz “mitologia”, a propósito da teoria das pulsões, e ele acrescentou que elas não remetem ao irreal, pois «é o real que elas mitificam, o ordinário dos mitos»² – subentendido, na falta de alcançá-lo pelas vias da linguagem. Esse termo mitologia era, creio, uma maneira de elevar em um grau a dignidade epistêmica da quimera [*rêverie*] freudiana. Provavelmente na época de *Mais ainda* ele teria dito antes “elucubração” a fim de marcar a manutenção da distância do real impensável, essa distância que o termo mistério inscreve justamente na expressão «mistério do corpo falante». Em todo caso, seja mitologia ou elucubração, isso deveria prevenir a aplicação sem mediação da dita pulsão de morte freudiana, aporia conceitual de fato, às constatações imediatas da clínica e, sobretudo, evitar confundi-la com a simples disposição à agressão, seja ela dirigida contra o outro ou contra si.

Curiosamente, Lacan –mais do que Freud– multiplicou as referências diretas ao registro efetivamente biológico, digamos, aos enigmas da vida, *Zoé*, longe de negligenciá-los em nome do simbólico ou de confundi-los com *Bios*. Sobre três pontos essencialmente: nascimento, mortalidade e sexo. Em primeiro lugar, a «prematização do nascimento» da qual ele faz a condição real, isto é, vital da abertura para a linguagem. E depois, a morte individual nas espécies que se reproduzem pelas vias do sexo e que lhe parece dobrar, do lado biológico, a perda oriunda da linguagem. Enfim, óbvio, a «bissexualidade biológica»³, macho/fêmea, bem acentuada por Freud, mas que não faz o homem nem a mulher. Ela impõe ao discurso produzir nos falantes “duas metades”, como diz «O Aturdido»⁴, homólogo à *sex ratio* que subte a reprodução da vida – sob reserva do que a ciência nos promete hoje em matéria de reprodução.

A expressão «mistério do corpo falante» está, contudo, em outro nível, o que deveria surpreender aí em relação ao que precede das teses lacanianas, é «mistério» mais do que “corpo falante”. Mais ainda porque a frase inteira reforça a ênfase: «O real, eu diria [...] é o mistério do inconsciente»⁵. Eis o inconsciente subtraído ao registro do Simbólico e devolvido ao registro do enigma. Como uma novidade, esta decididamente é.

Poderíamos propor, como programa, as elaborações sucessivas de Lacan tentando pensar a pegada no corpo-substância pelo «isso fala» do inconsciente. Elas não datam do Seminário *Mais ainda*. Podemos seguir precisamente as definições da pulsão, do sintoma e da relação sexual. Da pulsão que faz eco ao dizer da demanda, pela qual “eu falo com meu corpo”, e que diz, ao mesmo tempo, o que “eu” quer e, por conseguinte, o que lhe falta; do sintoma, «acontecimento de corpo» no encontro das palavras com o gozo. Da relação sexual que o palavrório [*parlotte*] convoca incessantemente, mas sem conseguir escrevê-la.

Mais interessante ainda do que seguir os passos sucessivos seria constatar o que se afirma de radicalmente inédito provocado com essa expressão. Ela é solidária de todas as novidades que a rodeiam no texto de *Mais ainda*. Lembra algumas ênfases: o inconsciente que se decifra é «elucubração», hipotético; *lalíngua*, que não é uma estrutura, só passa à linguagem, ao “saber falado”, pela coalescência com algo do gozo, de acordo com as contingências individuais. Daí, logo depois, os acentos colocados sobre o «inconsciente real», encarnado, disjunto do sentido do sujeito, sobre a minoração da verdade e sobre a promoção do *falaser* [*parlêtre*], sem falar do *sinthoma*. Eis, sem dúvida, o que conviria desdobrar e ilustrar clinicamente, não sem tirar as diversas consequências do que se refere, notadamente, aos limites da pretensão de saber, a possibilidade da transmissão, ao passe à análise finita e ao analista por ela requerido.

Colette Soler, 28 de fevereiro de 2009.

Tradução: Dominique Fingerhann, Rosanne Grippi e Olympio Xavier

¹ Jacques Lacan, «O Aturdido», in *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 463. Ed. Fr. J. Lacan, «L'Étourdit», *Scilicet* 4, Seuil, 1972, p. 20.

² Jacques Lacan, «Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista», in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 867.

³ Jacques Lacan, «O Aturdido», p. 455 e 460.

⁴ Jacques Lacan, *Mais ainda* - Seminário 20, última frase de 15 maio de 1973.